

# ILUSTRAÇÃO



4.º ANO  
NÚMERO 75

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1929

PREÇO

4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30 — Lisboa  
REDAÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

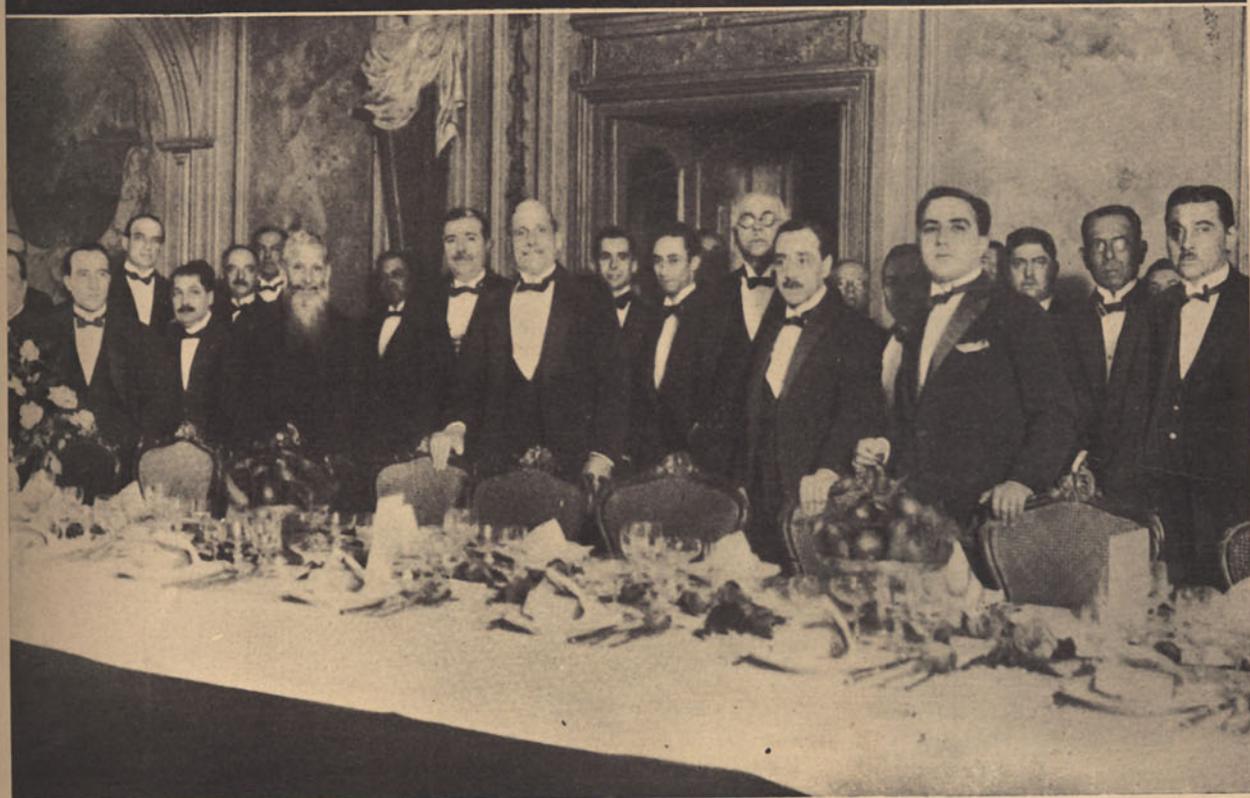
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Garrett, 73, 75—Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

ANO 4.º — NÚMERO 75

1 DE FEVEREIRO DE 1929



Em cima: ASSISTÊNCIA AO BANQUETE OFERECIDO NA EMBaixADA DO BRASIL AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SENHOR GENERAL CARMONA  
Em baixo: ASPECTO DO BANQUETE OFERECIDO PELOS COLONIAIS AO ILUSTRE ALTO COMISSÁRIO EM ANGOLA, COMANDANTE FILOMENO DA CÂMARA

# ...E SE FIZESSEM EM PORTUGAL O HOLLYWOOD DA EUROPA?

## REPORTAGEM IMAGINARIA Á CINELÂNDIA PORTUGUEZA NO ANO DE 1947

(Continuado do número anterior)

Frios e silenciosos, ao princípio, animam-se e tornam-se loquazes, a cinco minutos de viagem... Registo algumas frases soltas que se cruzam num dialecto composto com vocábulos de cinco ou seis idiomas diferentes.

— Você ainda vive em Lisboa?

— O Kinema-Hotel só me arranja aposento para a semana...

— Eu fico já hoje no Kursaal...

— Quanto paga?

— Cem escudos diários...

— Oh! Eu não poderia pagar tanto...

— Lá chegará... lá chegará...

Outro diálogo entre uma jovem loura, timidez disfarçada em ousadia, neófitia na Cinelândia, saltos cambados e cara enfocinhada — e uma morena de olhos mongólicos e ar imponente de rainha egípcia...

A loira é parisiense; a morena, húngara. Há muito que se entrecolhavam, ansiosas de palestra — mas os seus sorrisos — cartões de visita ainda não tinham conseguido a simultaneidade desejada...

Por fim...

— Vai trabalhar? indaga a loira.

— Devo começar hoje...

— Com os ingleses?

— Não... Com os franceses... No Cine-Roman — sob a direcção do sr. Herbier... É um filme mui lindo... Faço de sultana...

— Muitos *cachets*?

— Uns dez...

É arrependida, rectifica.

— Talvez mais!

É logo, basofiante...

— O traje é um amor... Provei-o ontem...

Sorriso de superioridade da morena seguido de uma autobiografia:

— Eu já trabalhei na Ufa — quando a Ufa ainda estava em Potsdam... Estou contratada por três anos, pela Nacional... Eu só trabalho com os alemães... Agora repouso... Vou à Cinelândia para ver as obras de um palacete que mandei construir na serra... Vou casar-me brevemente... Caso-me com o príncipe Abdudger... Um casamento de paixão... um casamento verdadeiramente cinematográfico...

E a loira sorri e o olhar perde-se-lhe... Não há inveja na sua expressão... Palpita, sim, esperança, fé — certeza... A certeza de que muito em breve terá contracto por muitos anos e palacetes na serra e príncipes orientais a cortejarem-na e a oferecerem-lhe a corôa e a fortuna...

### NA CIDADE DO SONHO

Amadora... Queluz... Súbito, a linha do eléctrico quebra o paralelo em que seguia a do caminho de ferro e desvia-se, numa curva, pela esquerda.

A Cinelândia nasce a vinte quilómetros da encosta de Sintra, numa zona que esticou a proporções de cidade, uma minúscula povoa-

ção desaparecida e que teve, em tempos, a pitoresca designação de Alcabideche.

É difícil calcular, pela velocidade de expresso que o eléctrico tomou ao sair de Benfica, a distância exacta que separa Cinelândia de Lisboa. Mas sei que a fundaram precisamente entre a Serra de Sintra e Cascais. A direita e à esquerda dois inexgotáveis armazens de *decors*, de scenografias, de adereços: a serra, as praias, o mar, palácios, bosques, várzeas...

A Cinelândia, como aquelas cidades de diversões, da epilepsia das montanhas russas e dos carrousséis redopiantes — inicia-se por um pórtico magestoso.

O eléctrico pára à entrada. Uma balaustrada de madeira repolinizada de branco marca a fronteira... Um enxame de *grooms* e de *chasseurs*, fardados a capricho, de corretores de hotéis, políglotas e zumbidores assalta o carro, apregoando os seus hotéis, os seus bares, as suas pensões...



Poucos são os que se apeiam nesta paragem. Com estes poucos desço eu também.

—A pé... a pé é que a Cinelândia deve ser visitada—aconselhára-me o director do *Diário Cinematográfico*.

E eu deixava-me ciceronar às cegas pela sua experiência...

La, pois, invadir o âmbito misterioso da cidade de sonho... E dizer que me encaminhei para o pórtico monumental, toldado de vermelho, em estilo chino, mantendo o ritmo cardíaco, sem uma irregularidade—seria mentir...

O leitor, se é bom católico, deve ter ouvido falar muito do céu. Deve mesmo passar muitas noites a fantasiar as fofocas das nuvens de arminho que alcantifam de silêncios a passagem dos santos; dos mantos azuis bordados de estrêlas que formam a cúpula do éter; da harmonia doce dos concertos celestes; do frémito das asas angelicais, passando, em revoadas sobre a calva lunar de S. Pedro...

Pois, leitor cristão: põe na tua mente que te diziam, espetando o indicador para um pórtico aberto à tua frente:

—Ali está o céu... Podes entrar, visitá-lo como se visita um Museu, prová-lo em suma, à tua vontade...

Visionas em que estado ficarias? Mede por esse estado—o meu; a vibração dos meus nervos, o acelerado do meu coração ao dar os primeiros passos na Cinelândia...

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES  
E A TOPOGRAFIA DA CIDADE

A porta por onde eu passei entesta com a artéria central da Cinelândia. Um dístico enrustado na parede e cujas letras estão organizadas em tubos que de noite se iluminam, dá-mos o nome dessa artéria: *Boulevard*...

*Boulevard, tout court*, sem apelido. Este sistema de recheio estende-se por toda a Cinelândia, com a mesma extravagância um pouco abstrata mas muito cosmopolita... Logo na primeira visita encontro uma *Unter den Linden*, um *square*, uma *strasse*, uma *strati*, uma *vía*, etc... Mas... não nos dispersemos. Dispersarmo-nos aqui, neste labirinto, seria arriscar a perder-nos... Que os leitores me deem as mãos e que se deixem guiar...

O Boulevard é largo—tão largo como o Chiado de Lisboa. O asfalto alison-o; e desbolina-se, numa recta que parece dobrar a própria linha do horizonte... Tirando os prédios que tomam os ângulos, que são apalaçados e altos—os outros não vão além de um segundo andar.

Estes prédios, apalaçados, estão enfaixados em ostentosas taboetas: são hotéis e pensões. Os outros, escritórios e residências particulares de alguns *grands-seigneurs* da cinematografia europeia.

Dum lado e dentro enfileiram-se estabelecimentos comerciais. Abundam as modistas, os alfaiates e os sapateiros. Algumas tabacarias. Numerosíssimos bares e cafés. Uns e outros estendendo sobre o passeio longos terraços.

São seis e um quarto da manhã—e o movimento atingiu uma intensidade que Lisboa ignora, mesmo em pleno dia... Abançadas às mesas dos cafés, as gentes tomam, apressadas, o seu primeiro almoço. Outras correm, limpando a bôca ao lenço e desaparecem pelas ruas transversais. Atroam os ares as buzinas dos taxis, os *klaxons* dos carros particulares, o retinir das campainhas dos eléctricos, o trotear dos motores asmáticos dos camiões.

Os madrugadores da Cinelândia não tem os rostos embaciados pelo sono. Pelo contrário: a saúde maquilha-os com boas cores—com as cores do optimismo.

Outro detalhe curioso a registar: o das taboetas dos estabelecimentos, subdividindo, pela evocação que provocam, tôdas as capitais da Europa: *Vendôme, Galeria Nazionale, Kaffe Grün Bräun, Royal Bar, Potsdam*...

...É longa a caminhada através o *Boulevard*... É interminável. A regularidade com que as ruas transversais formam os quarteirões parece transformar a cidade num tabuleiro de xadrez. Conte quinze antes de atingir a retunda que fecha a artéria...

Um parque nasce então, aberto em alas e formando um leque... Entrada livre... E durante os primeiros minutos a perturbação que o espectáculo produz no meu espirito atinge o atontamento... Estarei em Portugal ou saltei, num milagroso pulo, para qualquer jardim sagrado dos confins da Índia?

Caprichosa e polícroma paisagem... Flores exóticas que matizam os prados e combinam, no espaço, a alquimia de perfumes inéritos... Aqui e além, cultos pelos arbustos, alvejam bulas pangulos sobre pianhas de madeira. O meu pasmo imbecilisa-me... Chego a sentir a tentação de apalpar aqueles canteiros, aquelas árvores, na suspeita irreflectida de que tudo aquilo fôsem prodígios scenográficos feitos em cartão...

Mas o parque não é muito fundo. A cinco minutos de caminhada um edificio mui branco e muralhava. Sob o escudo e as iniciais R. P.—lé-se Câmara Municipal...

É a Câmara Municipal de Cinelândia. E eu trago, de Lisboa, uma apresentação para o presidente... Encontrá-lo-ei às sete menos vinte da manhã?

UMA ENTREVISTA COM  
O PRESIDENTE DA CÂMARA DA CINELÂNDIA

Os hábitos madrugadores dos cineastas contagiaram todós os habitantes de Cinelândia—mesmo os que, directamente; nada temem que ver com a arte do silêncio.

A burocracia da Câmara Municipal estava já no seu posto. O gabinete do presidente fica no primeiro andar, ao fundo dum corredor muito branco (o branco é a côr predilecta de Cinelândia). Vou encontrá-lo abançado a uma secretária americana, com óculos de aro de tartaruga acavalados no nariz e um fato claro, de colonial chic ou de jogador de *tennis*.

Chama-se Leopoldo O'Donnell, foi em tempos empresário de cinema e é um dos reis magos da Cinelândia. Não aparenta, positivamente, meninice—mas o seu rosto saxónico, muito louro, transparente energia, bom humor e inteligência viva.

Que está à minha disposição—declara. E eu começo pelo princípio: como e quando se fundou a Cinelândia?...

O primeiro país que pensou em trasladar os seus estúdios para Portugal, foi a Inglaterra... London-Film, Broadwest, Hespwoth vieram pouco a pouco instalando-se entre nós. A primeira que me appareceu foi a Windsor-Film—em 1938—há dez anos. Os seus directores vieram recomendados ao sr. Salm Levy... Eu agreguei-me a elles e, durante dias, cruzamos em tôdas as direcções, os arredores de Lisboa.

«Fixaram-se nas proximidades de Alcibi-deche, compraram 2500 hectares de terrenos e ali construíram os seus estúdios. E um ano depois já quasi tôdas as marcas inglesas tinham imitado a Windsor... Ao despontar do ano 1940 havia nesta zona perto de vinte e oito estúdios... Nasceram os primeiros hotéis—uns cinco... Rasgaram-se as três primeiras ruas—e a população orgava já por uns cinco ou seis mil indivíduos...

«Em Julho do mesmo ano realizava-se em Paris a grande conferência cinematográfica inter-europeia—e dela saiu a resolução de construir em uma capital do cine, uma Hollywood nova—e para isso foi escolhido Portugal, de onde os ingleses começavam a apregoar as maravilhas...





«Começaram então as *démarches* junto do governo português — que prontamente acolheu a proposta dos cinematografistas, antevendo o futuro doirado que a centralização em Portugal dos estúdios europeus traria ao país.

«Três semanas depois saltavam do «Sudo», em Lisboa, os primeiros directores delegados que vinham, à lufalufa, na pressa de chegar a tempo das pechinchas de terreno...

«Infelizmente para os proprietários de Alcabideche e arredores eles não tinham ainda a noção exacta da bruesa valorização das suas terras — e elas foram vendidas por baixos preços. E os seus compradores não eram apenas os cine-empresários... Comerciantes, pequenos e grandes capitalistas, espertalhões que viram a distância a dilatação provável da cidade do filme e que vinham na cola dos outros para terreno para os seus negócios — hotéis, lojas... até teatros!!!

«Em Janeiro de 42 Alcabideche tinha desaparecido; os seus habitantes ou fugiam, apavorados ante a invasão dos magos do cine, ou se adaptavam à nova civilização, aproveitando-a e estilizando-a. E como a multiplicação dos estúdios deixara de ser um incidente; como tudo indicava que o agrupamento se tornaria cada vez mais numeroso; como se esboçava algo de mais importante do que a marginação de estradas com edifícios fabris — reuniram-se os interessados e planeou-se a Cinelândia...

«Já nessa altura os alemães e parte dos franceses tinham desembarcado com armas e bagagens... Sessenta estúdios registados na Câmara então improvisada... A população triplicava: uns 16:000 seres humanos formigavam dentro da nova cidade.

«Logo às primeiras eleições guindaram-me à chefia do município. Temendo que a invasão da Cinelândia e a cedência imprudente e irreparável de terrenos viesse a impedir a construção de uma cidade de facto — a minha primeira medida municipal foi marcar um rectângulo dividindo de uma forma iniludível a zona onde se devia fundar a Cinelândia-cidade dos terrenos destinados aos estúdios...

«Fora desse rectângulo, podiam os cinematografistas alastrar os seus estúdios até Sintra ou até Cascais; dentro do rectângulo seria a City, destinada à vida livre dos trabalhadores da Cinelândia...

«A porta da cidade é aquela por onde passou. O *boulevard* e este parque onde nos

encontramos mede o comprimento da *city*. A linha do eléctrico, atravessando o *boulevard* bifurca-se nas proximidades do parque e percorre as linhas do rectângulo.

«Interessam-lhe, de certo, as estatísticas actuais... Ei-las... A Cinelândia reúne hoje cento e oitenta *studios* pertencentes a cento e vinte empresas ou a *milleurs-en-scène* e artistas independentes, de nove nacionalidades europeias diferentes — e, detalhe curioso, sendo alguns de nacionalidade norte-americana que preferem filmar na Europa...

«A população, a mais cosmopolita da Europa, é de quarenta mil pessoas — não faltando, entre elas, chineses, japoneses, negros, egípcios e índios. Desses quarenta mil habitantes, 60 por cento vivem directamente dos *studios* — directores, artistas, figurantes, scenógrafos, *costumiers*, etc.; 20 por cento, exploram-nos indirectamente: fornecedores de material, desenhadores, *costumiers*, adressistas, etc.; e os restantes 20 por cento empregam-se no que pitorescamente se chama os *trabalhos domésticos da cidade*: lojistas, hoteleiros, *cervejeiros*, *chauffeurs*, *modistas*, etc...

«A Cinelândia possui, na zona central, oito grandes artérias e trinta ruas, não contando com as estradas que conduzem aos *studios*, que formam um espiral em redor da *city* e do bairro, chamemos-lhe assim: — aristocrático da Cinestrela, encurstado na serra, preferido pelos *vedettes*, pelos directores, pelos vitoriosos da cinematografia, que nele mandaram construir pitorescos palacetes em número bastante elevado...

«Mas vamos às cifras: hotéis, cem; pensões, cento e vinte; cafés e bares, quarenta; grandes armazéns, oito; clubs, cercles, casinos e *dancings*, vinte e oito; casas de espectáculo, cinco; autos matriculados, mil e oitocentos, sendo quinhentos de aluguer... O corpo policial é composto por cem homens e o de bombeiros, por duzentos...

«Está satisfeito?

«Estava-o de facto... Com as informações fornecidas pelo ilustre presidente do Município de Cinelândia fizera, do meu *block-notes*, um verdadeiro Baedeker da capital do filme...

NA ZONA CINEMATOGRAFICA

Eram nove e meia quando, abandonando a Câmara Municipal, atravessei o parque e entrei de novo no *boulevard*.

(Continua)

REPÓRTER X.